



A EDUCAÇÃO DIALÓGICA COMO ESTRATÉGIA NO DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS SOBRE SEXUALIDADE NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE

Amanda Moura Badarane ¹
Francisca Estela de Lima Freitas ²

RESUMO

Este trabalho compreende parte de uma pesquisa de dissertação, em que o objetivo geral foi investigar as concepções sobre sexualidade de estudantes e professores (as) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre- IFAC, campus Rio Branco. Além disso, buscamos identificar as estratégias empregadas por esses (as) professores (as) na abordagem da temática sexualidade na instituição. A coleta de dados se baseou na realização de entrevista semiestruturada junto aos (às) docentes e estudantes do Ensino Médio Integrado. Em seguida, realizamos a análise dos dados conforme o método de Análise de Conteúdo Temática proposta por Minayo (2013). Assim, foram identificadas 05 Unidades temáticas (UT): UT1: Abordagem e concepção multifacetada dos docentes em relação à sexualidade; UT2: A transversalidade da prática docente sobre a sexualidade no contexto do ensino; UT3: Educação dialógica na concretude das práticas educacionais sobre a sexualidade; UT4: Fatores negativos que dificultam a discussão da sexualidade na prática educativa; UT5: Fatores positivos que favorecem a discussão da sexualidade na prática educativa. Neste sentido, destacaremos nesse trabalho a UT3, na qual foram abordadas as principais estratégias e práticas de ensino indicadas por professores (as) e estudantes na discussão do assunto que envolve sexualidade nas escolas. Assim, foram identificadas aulas tradicionais e palestras. No entanto, os (as) participantes inferiram que os temas são melhores apreendidos através de uma abordagem dialógica e problematizadora, utilizada por Paulo Freire (2011), que busque identificar as dúvidas, anseios e opiniões dos envolvidos. Além disso, que também estimule o respeito, criticidade e emancipação dos estudantes, contribuindo para a diminuição dos altos índices de feminicídios, homofobia, abusos sexuais e todos os tipos de violência aos grupos LGBTQIA+. Dessa forma, defendemos que são necessárias estratégias que priorizem uma abordagem mais humana e que estejam baseadas no contexto sociocultural dos (as) estudantes.

Palavras-chave: Educação, Sexualidade, Dialógica, Emancipação.

INTRODUÇÃO

A sexualidade consiste em uma dimensão humana e está presente em todas as fases da vida, demonstrando formas próprias de significação, manifestação e vivência pessoal (Furlani, 2011). De acordo com a Organização Mundial de Saúde, é definida como uma energia que nos incentiva a buscar contato, ternura, intimidade e amor,

¹ Doutoranda do Curso de Doutorado em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Goiás- IFG, amandabviga@gmail.com;

² Doutora Professora do Centro de Ciências da Natureza da Universidade Federal do Acre - UFAC, estela.freitas@gmail.com;

podendo ser influenciada por fatores psicológicos, sociais, biológicos, econômicos, políticos, históricos, culturais, legais, espirituais e religiosos (OMS, 2017).

Assim, a sexualidade envolve não apenas o sexo, amor e reprodução, mas também é composta por papéis e orientação sexual, erotismo, prazer e envolvimento emocional e compreende os aspectos físicos, sociais e psicológicos e é formada também pelos costumes, histórias, religião e cultura (BONFIM, 2012).

Bonfim (2012) acredita que a escola é o local mais indicado para a formação dos valores que pode levar os alunos a romperem com o ciclo vicioso da cultura e dos padrões estereotipados que estão na base da sociedade mercantil e capitalista e que a educação sexual é um processo educativo que possibilita não somente o conhecimento da parte biológica, mas também no que diz respeito aos valores e atitudes que se referem à forma como cada um vive a sua sexualidade. Desse modo, a educação sexual poderá contribuir para reduzir os altos índices de IST's e gravidez indesejada na adolescência, além de possibilitar aos jovens o esclarecimento do que significa sexualidade para si e para a sociedade.

Sobretudo no que diz respeito a atuação da escola, vários autores destacam a necessidade de que esta deva atuar de forma planejada na Educação Sexual. Assim, muitos educadores e pesquisadores enfatizam que é fundamental auxiliar os educandos a compreender e aceitar sua sexualidade para que isso possa levá-los ao desenvolvimento harmônico, saudável e feliz da sua sexualidade.

Para Figueiró (2010), a Educação Sexual consiste em toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, podendo ocorrer no nível do conhecimento das informações básicas, como também no nível do conhecimento e/ou reflexões e debates sobre sentimentos, emoções, normas, valores e atitudes envolvidos com a vida sexual. Assim, a educação sexual pode ser distinguida em educação sexual informal, que engloba as ações exercidas sobre o indivíduo desde o seu nascimento; e a educação sexual formal, que é institucionalizada, deliberada e podendo ocorrer dentro ou fora da escola (Figueiró, 2010, p. 187).

Mas apesar disso, alguns autores indicam que a função da escola deve ser limitada à transmissão dos conhecimentos básicos sobre a sexualidade (Figueiró, 2010). Furlani (2011) argumenta que, se a educação formal apresenta como objetivo o indivíduo com desenvolvimento integral e a inserção de cidadania plena em sua vida, a educação sexual



deve estar presente nos currículos escolares. Ainda dentro da perspectiva da atuação da escola na Educação Sexual, Bonfim (2012, p. 70) afirma que:

Diante de uma sociedade capitalista em que os meios de comunicação, especialmente a TV e a *internet*, induzem à erotização precoce, estabelecem novos padrões de relacionamentos e ditam comportamentos sexuais, não podemos mais ignorar a problemática que se desenvolve em torno da sexualidade. Portanto, se a família não tem proporcionado às crianças, adolescentes e aos jovens a formação e o discernimento sobre a sexualidade, consideramos que a escola não pode agir da mesma forma, ignorando tantos problemas sociais decorrentes da falta de uma educação sexual emancipatória e comprometida com o bem-estar do ser humano, (...) (Bonfim, 2012, p. 70).

Nesse sentido, as instituições escolares devem estar dispostas a acompanhar as mudanças sociais, utilizando técnicas pautadas na dialogicidade e estímulo à curiosidade dos alunos, o que como consequência, tornará o ambiente escolar favorável ao aprendizado crítico e problematizador (Gomes; Guerra, 2020). Portanto, a escola precisa extrapolar essa forma de educação que dificulta o debate crítico e transformador e deve ser um lugar de formação em que os indivíduos sejam capazes de problematizar e desenvolver a criticidade sobre as questões que os oprimem.

No entanto, alguns estudos destacaram que o desconhecimento do tema pelos professores e o receio de se trabalhar sobre essa temática com crianças e adolescentes é um desafio para o desenvolvimento da educação para a sexualidade nas escolas. (Gesser; Oltramari; Panisson, 2015; Vieira, 2015). Além disso, os altos índices de gravidez na adolescência e IST's (Brasil, 2017, 2018) nos levou a questionar se o IFAC desenvolve a educação sexual no campus Rio Branco e de que maneira isso acontece.

Assim, a pesquisa tem como objetivo geral: analisar as concepções de alunos e professores em relação à sexualidade e às estratégias educacionais utilizadas no desenvolvimento do tema no campus Rio Branco do Instituto Federal do Acre. Assim, nesse artigo abordaremos a Unidade Temática 3 que fala especificamente sobre as estratégias que os docentes utilizam na abordagem da temática sexualidade na sala de aula. Além disso, também analisamos qual a estratégia mais recomendada pelos participantes da pesquisa.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC, *campus* Rio Branco, localizado na capital acreana. E os participantes



consistiram em docentes que atuavam nos cursos integrados do ensino médio e estudantes do 4º ano do Curso de Informática na modalidade Técnico Integrado ao Ensino Médio. Para a realização da pesquisa foi solicitada autorização junto à Direção de Ensino do IFAC para que o estudo fosse realizado.

A coleta de dados foi baseada em uma entrevista semiestruturada com todos os participantes da pesquisa. Esse tipo de entrevista consiste em um roteiro de perguntas, que não são predeterminadas, assim o entrevistador tem a liberdade de fazer outros questionamentos para obter mais informações sobre os temas desejados (SAMPLERI et al., 2013). Logo após a assinatura dos Termos de Consentimento (TCLE) as entrevistas foram gravadas para posterior transcrição e análise.

As entrevistas foram realizadas em dois momentos: para os (as) estudantes aconteceram de maneira individual e presencial em sala reservada na escola, nos meses de outubro e novembro de 2019. Já para os (as) docentes as entrevistas foram realizadas de maneira individual nos meses de junho a agosto de 2020, de forma *online* através da plataforma *Google Meet* devido à pandemia de corona vírus.

Após a coleta de dados, as entrevistas foram gravadas e transcritas, logo depois transferidas para o *software* de tratamento de dados qualitativos NVivo Pro®11, versão 11.4 para serem organizadas. Logo em seguida, as entrevistas foram analisadas conforme o método de Análise de Conteúdo Temática proposta por Minayo (2013), em que se iniciou com a leitura flutuante do material coletado e em seguida para a exploração do material no intuito de encontrar o centro da compreensão do texto. Esse processo é chamado de categorização, e é um procedimento que realiza a redução dos dados em palavras e expressões significativas (MINAYO, 2013). Dessa forma, nessa fase, foram criadas as Unidades Temáticas (UT) e as Unidades de Significação (US) conforme a necessidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na pesquisa tivemos um total de 24 participantes, compostos por 9 discentes e 15 docentes. As idades dos estudantes variaram de 18 a 20 anos, enquanto entre os docentes, as idades vão de 31 a 54 anos. Os estudantes foram identificados com a letra “E”



acompanhada de um número, e os docentes com a letra “D” seguida de um número, a fim de preservar o anonimato dos participantes.

Como resultado do estudo surgiram as seguintes Unidades Temáticas e suas respectivas Unidades de Significação:

- **Unidade Temática 1 (UT1)** – Abordagem e concepção multifacetada dos docentes em relação à sexualidade:

- Unidade de Significação 1 (US1) – Concepções da sexualidade entre docentes e discentes.

- Unidade de Significação 2 (US2) – Dicotomia entre a abordagem emancipatória e a abordagem biológica e preventiva.

- **Unidade Temática 2 (UT2)** – A transversalidade da prática docente sobre a sexualidade no contexto do ensino:

- Unidade de Significação 1 (US1) – A sexualidade abordada de maneira transversal. –

- Unidade de Significação 2 (US2) – A sexualidade trabalhada através de disciplinas específicas.

- **Unidade Temática 3 (UT3)** – Educação dialógica na concretude das práticas educacionais sobre a sexualidade.

- **Unidade Temática 4 (UT4)** – Fatores negativos que dificultam a discussão da sexualidade na prática educativa.

- **Unidade Temática 5 (UT5)** – Fatores positivos que favorecem a discussão da sexualidade na prática educativa.

Neste artigo abordaremos especificamente sobre a Unidade Temática 3. Nesta unidade, foram apresentadas as principais estratégias e práticas de ensino mencionadas por professores e alunos durante a discussão sobre sexualidade nas escolas. Uma das estratégias comentadas são as tradicionais, como aulas utilizando retroprojetores e palestras como nas falas abaixo:

Entrevista D05: Costumo trabalhar com material expositivo, no caso seria data show, aula expositiva e dialógica por meio de imagens, sempre eu costumo colocar a imagem do sistema reprodutor masculino e a imagem do sistema reprodutor feminino e aí vou explicar, explicar.

Entrevista D14: Você trazer um especialista na área, trazer por exemplo, um médico ou uma médica que seja de área, que seja normalmente ligado à questão de ginecologia,



urologia ou de repente trazer um infectologista, trazer uma sexóloga, sexólogo, um psicólogo. Ou seja, eu acho importante esse tipo de informação

Entrevista E21: *Eu acho que as aulas expositivas elas são muito válidas também, porque tem a questão da projeção de imagens e quando você vê, por exemplo, o que uma sífilis faz, você não quer pegar de jeito nenhum sífilis. Mas eu acho que tipo também relatos de pessoas ali que tenha HIV, que são soropositivos e tudo mais.*

É possível observar nas declarações mencionadas que os educadores que buscam implementar atividades de educação sexual recorrem a recursos como imagens, explicações e seminários para tratar do assunto. Além disso, as palestras com especialistas da saúde foram mencionadas, focando predominantemente na dimensão biológica da sexualidade, destacando aspectos de anatomia e fisiologia, doenças e gravidez indesejada.

Entretanto, tanto alguns professores quanto estudantes destacam que os temas são compreendidos de forma mais eficaz por meio de uma abordagem dialógica e problematizadora, que procura identificar as dúvidas, anseios e opiniões dos participantes.

Entrevista D06: *Eu acho que oficinas, palestras, rodas de conversa na própria sala de aula, porque eles acabam se sentindo mais à vontade com a turma deles só.*

Entrevista D07: *Uma metodologia é o debate, é contar uma história, é por um vídeo de uma mulher agredida, pra ver o quê que vai gerar.*

Entrevista E16: *Então eu acho que filme, vídeos também. É talvez relatos de pessoas que sei lá, contrairam alguma doença ou tiveram alguma coisa relacionada a isso eu acho que sim, ajudaria bastante.*

Entrevista E17: *Não levar muito assim na teoria, mas levar uma coisa na prática, assim, dando exemplos, uma roda de conversa, mais dinâmica.*

Nesse sentido, observamos que as abordagens mais recomendadas pelos participantes da pesquisa estavam relacionadas ao modelo de ensino sugerido por Paulo Freire (2011). Esse método está associado a uma pedagogia emancipatória que, por meio da problematização, visa encorajar o aluno a refletir sobre sua própria realidade e a sugerir mudanças de maneira crítica e reflexiva. Portanto, na teoria dialógica proposta por Freire (2011), não existe um sujeito que domina e outro que é dominado, mas sim, há sujeitos



que se encontram para a transformação do mundo. Assim, os “sujeitos dialógicos se voltam sobre a realidade mediatizadora que, problematizada, os desafia. A resposta aos desafios da realidade já problematizada é já a ação dos sujeitos dialógicos sobre ela, para transformá-la” (FREIRE, 2011, p. 229).

Os resultados vão ao encontro de outras investigações realizadas na área da educação sobre a sexualidade humana, nas quais foram aplicadas ações fundamentadas nas premissas da dialogicidade. Em que foi constatado que lidar com situações-problema reais que integrem a ação educativa dialógica, promovendo uma visão crítica e reflexiva tanto de profissionais quanto de alunos, é um caminho viável para a reflexão sobre o tema, a construção de novos conhecimentos e práticas de cuidado relacionadas à sexualidade (MOISÉS; BUENO, 2010; NOGUEIRA et al., 2016; NOGUEIRA et al., 2017).

Portanto, a problematização da sexualidade e os assuntos correlatos devem ser abordados nas escolas para que o trabalho da educação sexual seja efetivado nas instituições (Nogueira et al., 2016). Assim, muitos estudantes participantes da pesquisa, relataram que ações como os projetos de ensino e extensão são importantes. E que momentos na escola que estejam abertos ao diálogo e a entender as dificuldade e dúvidas dos alunos são importantes para que eles consigam apreender o conhecimento e fazer transformações na sua vida (Badarane, 2021). Dessa forma, devem ser colocados em pauta no âmbito das capacitações e nas políticas públicas de formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa em questão evidenciamos que existem várias estratégias para se trabalhar a educação sexual no ambiente escolar, como palestras, seminários, encontros com equipe de saúde, oficinas, rodas de conversa e projetos de ensino e extensão. No entanto, apesar de alguns docentes relatarem que utilizam a abordagem tradicional para abordar os temas relacionados à sexualidade, com aulas expositivas e palestras, a maioria dos participantes concorda que os temas são melhores apreendidos através de uma abordagem que envolve a problematização e o diálogo entre os participantes.

Assim, observamos que as abordagens mais recomendadas nesta pesquisa fazem referência ao modelo de ensino desenvolvido por Paulo Freire (2011). Esse método está relacionado a uma pedagogia emancipatória, que, por meio da problematização e do



diálogo, estimula o aluno a refletir criticamente sobre sua própria realidade e, dessa forma, a sugerir mudanças. Assim sendo, este estudo apoia pesquisas recentes que mostram que práticas educativas fundamentadas no diálogo e na participação representam ferramentas significativas para a promoção da autonomia e corresponsabilidade dos envolvidos, além da construção de novos conhecimentos e práticas de cuidado relacionadas à sexualidade.

Além disso, incentivamos a realização de projetos de extensão e ensino nas escolas de educação básica, de modo que tanto os alunos quanto a equipe escolar possam compreender a sexualidade de forma abrangente. Isso permitirá a busca por estratégias para reduzir as desigualdades de gênero, o preconceito, a homofobia e a violência sexual, visando o desenvolvimento de uma sexualidade saudável e emancipatória.

AGRADECIMENTOS

Agradecer ao Instituto Federal de Goiás pelo apoio concedido por meio de recurso financeiro para participação do Evento por meio do Programa institucional de incentivo para estudantes do IFG apresentarem trabalho em eventos científicos e tecnológicos (PAECT) Edital nº 15 - PROPPG/IFG, de 16 de julho de 2024.

REFERÊNCIAS

BADARANE, A. M; FREITAS, F. E. L. **Concepções de professores e alunos sobre sexualidade e as estratégias utilizadas na abordagem dessa temática no contexto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – IFAC.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade Federal do Acre. Rio Branco, p. 129. 2021.

BONFIM, C. **Desnudando a educação sexual.** Campinas: Papyrus, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico HIV – AIDS**, 2018. vol. 49, n. 53. Brasília – DF, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde – Secretaria de Vigilância em Saúde. **Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) – DATASUS**, 2017. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvac.def>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio.** 3 ed. Londrina: Eduel, 2010.

FURLANI, J.. **Educação sexual na sala de aula.** Relações de Gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GESSER, M; OLTRAMARI, L. C.; PANISSON, G.. Docência e concepções de sexualidade na educação básica. **Psicologia & Sociedade**, vol. 27, n. 3, 558-568, 2015.

GOMES, C. S. F.; GUERRA, M. das. G. G. V. Educação dialógica: a perspectiva de Paulo Freire para o mundo da educação. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v. 19, n. 3, p. 4-15, set./dez. 2020.

MINAYO. M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MOIZÉS, J.S., BUENO, S.M.V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista Escola de Enfermagem. USP*, 2010. MINAYO. Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2013.



NOGUEIRA, N. S.; ZOCCA, A. R.; MUZZETI, L. R.; RIBEIRO, P. R. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **HOLOS**. Ano 32, Vol. 3. 2016.

NOGUEIRA, I. S.; LABEGALINI, C. M. G.; PEREIRA, K. F. R.; HIGARASHI, I. H.; BUENO, S. M. V.; BALDISSERA, V. D. A. Pesquisa-ação sobre sexualidade humana: uma abordagem freiriana em enfermagem. **Cogitare Enfermagem**. Vol. 22, n 1, p. 01-10. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. Saúde Sexual. Disponível em: <https://www.who.int/topics/sexual_health/en/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

SAMPIERI, R. H.; CALLADO, C. F.; LUCIO, M. del P. B.. **Metodologia de Pesquisa**. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

VIEIRA, P. M. **Educação sexual na adolescência: práticas intersetoriais entre a saúde e a educação**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, 190f. 2015.